

Povos Indígenas no Brasil

Fonte OESP Class.: Amaz./Internac.
 Data 05/08/93 Pg.: 3 / 101

O inimigo criado

Tomem-se os discursos em que o ex-presidente George Bush anunciou a "Nova Ordem Mundial", junte-se uma declaração do presidente François Mitterrand a respeito de um "direito de ingerência", misture-se um estudo preliminar do Pentágono que postulava para os EUA uma política de contenção da emergência de novas potências regionais. A tudo isso, acrescente-se uma reunião da ONU que tentou universalizar normas de respeito aos direitos humanos e outra que prepara uma declaração sobre o direito das comunidades indígenas de todo o mundo à autodeterminação. Para dar liga, comente-se o fato de tropas americanas estarem fazendo manobras na Guiana e no Suriname — e o que se tem é uma teoria conspirativa segundo a qual os EUA estão cercando o Brasil, com as mais negras e vis intenções expansionistas de que se tem notícia. Cada um dos ingredientes deste "bolo" é, em si, uma verdade. Misturados na forma de um certo nacionalismo que vem ganhando adeptos entre os que buscam pretexto para justificar a xenofobia antiamericana — mas principalmente o que dela pode decorrer no campo político interno —, o resultado é a intoxicação de relações que deveriam ser preservadas segundo os melhores interesses do Brasil.

Para além da teoria conspirativa, existe o fato de o Brasil não ter uma política definida para com os EUA. Na falta de

melhor, jogamos com um povo caracterizado pelo pragmatismo e cioso de interesses definidos um jogo baseado em princípios e em valores, aos quais nem mesmo nos apegamos. O resultado é um diálogo de surdos (ou de mudos) que prejudica a parte mais vulnerável. E esta somos nós, o Brasil. Nesta relação assimétrica com os EUA, o Brasil tira 23% de seu comércio externo, mas representa para o vizinho não mais que 1,5%. Uma política externa é mais que um cotejo das cifras do comércio, como todos sabem, mas as diretrizes do relacionamento bilateral não podem, por outro lado, assentar-se sobre o ressentimento e o complexo de inferioridade. Onde pode haver uma assimetria comercial tão grande deve existir, necessariamente, espaço para a cooperação e o entendimento franco.

Recentemente, algumas vozes alertaram para o "cerco" ao Brasil representado por manobras militares americanas realizadas na Guiana e no Suriname. É a velha teoria conspirativa, com sua técnica apurada de tirar de um fato menor ilações catastróficas para a segurança nacional. Porque cerca de duas centenas de soldados americanos já se exercitaram nas proximidades da fronteira norte — e outros 500 ainda o farão —, pode-se concluir que: primeiro, existe uma "concentração militar" em nos-



sas fronteiras e, segundo, que os norte-americanos estão formulando "hipóteses de emprego de força" contra o Brasil.

Há mouros na costa? Certamente, se duas centenas de fuzileiros americanos, fazendo exercícios de guerra na selva em território do Suriname constituírem perigo para a soberania brasileira. Mas, para que isso acontecesse, seria preciso que governos anteriores ao

atual, especialmente o do presidente José Sarney, tivessem reduzido a capacidade das Forças Armadas brasileiras à sua mínima expressão, tornando-as incapazes de defender as fronteiras amazônicas de um bando de ianques. Ora, durante aquele período, que certamente constitui base para a situação do período que vivemos, os militares brasileiros não receberam exatamente os recursos de que necessitavam para o correto preenchimento de sua missão de defesa externa, mas também não se desestruturaram a ponto de ver em cada sombra uma ameaça.

Os profissionais da defesa sabem o que os americanos estão fazendo no Suriname. E não é aquilo que os amadores da conspiração anunciam. As bases militares onde os americanos fazem seu treinamento de guerra na selva, no Panamá, estão sendo fechadas, tanto para cumprir o

cronograma dos acordos do Canal do Panamá, como para satisfazer os cortes orçamentários impostos pelo fim da guerra fria. O Pentágono tentou junto a Brasília transferir para a Amazônia brasileira um destes centros de treinamento. O governo brasileiro entendeu não corresponder ao interesse nacional a cessão de áreas para treinamento de forças estrangeiras, no que agiu muito bem. Seria, contudo, ingenuidade — defeito em que não incorrem nossos estrategistas militares — supor que os EUA não buscariam suprir suas necessidades de segurança na própria Amazônia. Encontraram ambiente propício na Guiana, no Suriname e na Colômbia e, além de exercícios de pequeno porte, estão reformando naqueles países bases que sirvam como apoio para projeção de força e onde possam pré-posicionar equipamento. Nem aí há novidade. Na década de 1970, Cuba usou o Suriname como trampolim para levar suas tropas para Angola... com a diferença de que os que hoje vêem fantasmas atrás de cada árvore daquele país à época permaneceram calados, convenientemente indiferentes ao que se passava em nossas fronteiras.

Quem tenta ver nos EUA um perigo para o Brasil sobrepassa a História, distrai-se diante dos interesses compartilhados, sepulta o bom senso. Só pode ser movido por paranóia, má-fé ou malconformada ambição política.